

Fotos: Divulgação



Fotos na cidade de Oizumi do livro *Para onde vão os brasileiros?*, da professora Lili Kawamura: indústria de material eletrônico empregando grande percentual de mulheres, o açougue com cortes brasileiros e o curso da "dança da laranja" em frente à Quitandinha, no Brazilian Plaza

Os 100 anos de imigração no Brasil. E os 20 anos no Japão

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Em 1988, pouco mais de 4 mil brasileiros residiam no Japão; em 2006, passavam de 300 mil, segundo os registros da Japan Immigration Association. No ano em que se comemora o centenário da imigração japonesa para o Brasil, já se pode afirmar que a história se repete na rota inversa, com a especificidade própria das atuais migrações internacionais (a de ir e vir continuamente), mas no principal do seu enredo: se os ancestrais vieram apenas para juntar um bom dinheiro e voltar à terra natal, mas acabaram ficando, os nikkeys brasileiros também começam a se fixar por lá. Fato é que os dekasseguis estão consolidando núcleos de vivência brasileiros dentro do Japão, o que já está completando 20 anos.

"O fenômeno de kassegui não vai acabar", afirma a socióloga Lili Kawamura, que vem desenvolvendo pesquisas sobre os brasileiros no Japão desde 1993, enquanto professora da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp e professora visitante em universidades japonesas. Ela é autora de vários artigos e livros, como *Para onde vão os brasileiros?*, lançado pela Editora da Unicamp em 1999 (com edição revista em 2003), e também em japonês pela Editora Akashi Shoten (Sociedade Brasileira de Imigrantes Brasileiros), em 2000.

Na opinião de Lili Kawamura, o problema inicial de adaptação está se arrefecendo, devido principalmente aos núcleos de vivência que já oferecem uma infra-estrutura com todos os tipos de serviços e produtos brasileiros, facilitando a vida cotidiana. "Embora a maioria dos migrantes trabalhe para japoneses, eles vivem dentro de padrões brasileiros, sem falar a língua local e nem mesmo conhecer os aspectos culturais do Japão de hoje, livres das dificuldades enfrentadas por quem foi no início da migração".

A professora informa que há desde pequenos estabelecimentos de produtos e de serviços técnicos, até

grandes empreendimentos como *shopping centers*, escolas, fábricas, bares e danceterias, dentre outras atividades, todas voltadas para brasileiros e administradas por eles. "Atualmente essas empresas empregam não apenas os nossos migrantes, mas também trabalhadores japoneses. Em cidades como Oizumi, Hamamatsu, Toyohashi e Nagoya, as noites de fins de semana também são bastante agitadas".

Segundo Lili Kawamura, muitos estão decididos a se adaptar e procuram os centros culturais que ensinam japonês e outras atividades culturais para os brasileiros. "Se antes a quase totalidade dos migrantes mostrava o desejo de retornar ao Brasil, atualmente observa-se uma tendência à permanência, especialmente dos que conseguiram sucesso nos negócios com produtos e serviços para atender ao mercado específico dos migrantes latino-americanos, e ainda dos que se adaptaram no trabalho como assalariados".

A socióloga ressalva, contudo, que o movimento de ir e vir continua, seja para rever parentes, seja para tentar se instalar definitivamente no Brasil – muitas vezes sem sucesso. Quanto ao fluxo para o Japão, embora não apresente a mesma vitalidade do início dos anos 90, ele persiste. "A migração pode arrefecer por um tempo, como agora, com a expectativa de melhores condições de vida no Brasil, mas não podemos nos esquecer do alto índice de desempregados na faixa entre 18 e 24 anos no país".

A grande maioria dos migrantes brasileiros, de acordo com Lili Kawamura, continua em trabalhos operativos definidos como 3 Ks: *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (pesado), aos quais os trabalhadores incluem *kibishi* (exigente) e *kirai* (detestável). "Entretanto, podemos dizer que a homogeneidade do início da migração – quando engenheiros, médicos e outros profissionais qualificados também exerciam essas tarefas – foi substituída pela heterogeneidade que inclui de empreendedores a subempregados e desempregos, e até sem-



A professora Lili Kawamura, da Faculdade de Educação: "O fenômeno de kassegui não vai acabar"

teto. Instaura-se assim uma desigualdade social entre brasileiros, como no Brasil, numa sociedade com ampla classe média japonesa".

De modo geral, acrescenta a professora, persiste entre os migrantes a idéia de transitoriedade na vida, uma vez que consideram sua vivência no Japão temporária, mesmo com propensão à fixação. "Para eles, os sonhos vão ser realizados no futuro, na volta ao Brasil. Mas, quando no Brasil, adiam a solução dos problemas para sua volta ao Japão, e assim sucessivamente. Esta postura tem trazido graves problemas, principalmente à educação dos filhos".

As redes sociais e culturais formadas pelos brasileiros no Japão serão tema do novo livro que Lili Kawamura está preparando, também pela Editora da Unicamp. "As redes tornam muito mais fácil a vida dos

dekasseguis, mas também dificultam sua integração na sociedade japonesa, já que eles permanecem isolados, ao passo que os filhos que frequentam escolas japonesas viram japonesinhos. As crianças sentem vergonha dos pais que, quando falam o idioma, usam um japonês errado e de um século atrás".

Os números – A socióloga e pesquisadora Elisa Massae Sasaki, que está concluindo sua pesquisa de doutorado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, confirma com números a hipótese de que os brasileiros estão se fixando mais no Japão. Ela levantou dados demográficos significativos na Associação de Imigrantes do Japão, como por exemplo: em 1994, havia 0,23% de residentes em caráter permanente; em 2006, este índice alcançou 25,09%.

Como foi dito no início, a população de brasileiros era de apenas 4.159 há 20 anos; em 1989, de 14.528. Em 1990, ano em que o governo japonês liberou a entrada de descendentes até a terceira geração para trabalhos comuns, o número já saltou para 56.429. Em 1991, dobrou para 119.333, chegando aos 254.394 em 2000. O último levantamento, de 2006, informa que havia 312.979 brasileiros divididos em 47 províncias do Japão, mais da metade deles em Aichi, Shizuoka, Mie e Gifu.

Elisa Sasaki observa que depois da grande revoada de 1990/91, o crescimento da população desacelerou nos anos subsequentes, tornando-se paulatino na segunda metade daquela década. Há seis anos, quando a pesquisadora divulgou seu estudo de mestrado por meio dos *Textos Nepo* (Núcleo de Estudos de População), atribuiu esta desaceleração ao "visto de reentrada", que permitiu aos dekasseguis um ir-e-vir constante entre Brasil e Japão, e incluiu esses trabalhadores na categoria dos "transnacionais" (migrantes de longa distância).

Note-se, entretanto, que a partir dos 2000 o crescimento da população tornou-se mais paulatino ainda, ficando em poucos milhares por ano, enquanto que os índices de residentes permanentes subiram acentuadamente, de 3,56% na virada do século até 25,09% em 2006. O ir-e-vir talvez seja cada vez menos para novas temporadas de trabalho, mas apenas para entretenimento no Brasil, endossando as observações da professora Lili Kawamura.

Também para Elisa Sasaki, o fluxo migratório vai persistir. "O fenômeno estabeleceu um patamar. Quem tinha que ir como dekassegui, já foi na primeira leva. Agora são outras levas, com pessoas ligadas aos integrantes da primeira, e que tiram proveito da grande rede de parentes e amigos que se formou no Japão. Não faço idéia de onde esse movimento vai dar. É como a nascente de um rio, que se inicia transbordando suas águas e depois vai marcando sua trajetória e suas características".